
Terra sigillata hispânica facetada da Quinta das Longas, Elvas

EURICO DE SEPÚLVEDA

R E S U M O

O autor apresenta um estudo sobre três fragmentos de *terra sigillata* hispânica, que foram exumados durante as campanhas de 1992 e 1995 na *villa* romana da Quinta das Longas (Elvas), pertencentes a copos da forma Hisp. 49 com decoração facetada, os quais se podem considerar raros visto não serem frequentes em estações arqueológicas romanas do actual território português.

O paralelismo que se encontra entre estas produções cerâmicas e o vidro levou a que se fizesse, também, uma comparação, quer a nível dos arqueosítios em Portugal, quer a nível do restante Império, com a forma Isings 21.

A B S T R A C T

This paper is concerned with the study of three sherds of Hispanic *terra sigillata*, form Hisp. 49 with faceted decoration found during the excavations at the Roman *villa* of Quinta das Longas (Elvas - Portugal) in 1992 and 1995.

The author introduces, as well, the Roman glass form Isings 21, due the fact of a straight relation between this beaker and the one similar in *terra sigillata*.

Ao efectuarmos, durante o mês de Outubro de 2002, uma análise de todo o espólio de cerâmicas finas (*terra sigillata*, paredes finas, lucernas) e vidros, exumado durante as campanhas de escavações levadas a cabo no sítio romano (*villa*) da Quinta das Longas (São Vicente e Ventosa, Elvas), com o fim de ser incluída numa comunicação que viria a ser apresentada por Maria José Almeida e António Carvalho na “V Mesa Redonda Internacional sobre a Lusitania Romana: Las Comunicaciones”, que teria lugar na Universidade da Extremadura (pólo de Cáceres), encontramos três fragmentos de *terra sigillata* hispânica, que, pela decoração de tipo facetado que apresentavam, justificavam um pequeno estudo a fim de os tornar conhecidos.

Este tipo de decoração aplicada nestas peças, já tinha sido referenciado por investigadores franceses (Martin, 1977) e espanhóis (entre outros, Romero Carnicero, 1980; Mezquíriz, 1985) que a estudaram, estabelecendo paralelos com as produções em vidro de copos de igual perfil e decoração classificados por Isings com o número 21 da sua tipologia.

Pensámos apresentar, neste artigo, uma estrutura equivalente, pois queríamos aproveitar a oportunidade para, ao mesmo tempo, estudarmos três pequenos fragmentos de vidro, inéditos, da forma Is. 21 encontrados na estação romana de Tróia (Grândola) e pertencentes a colecções particulares.

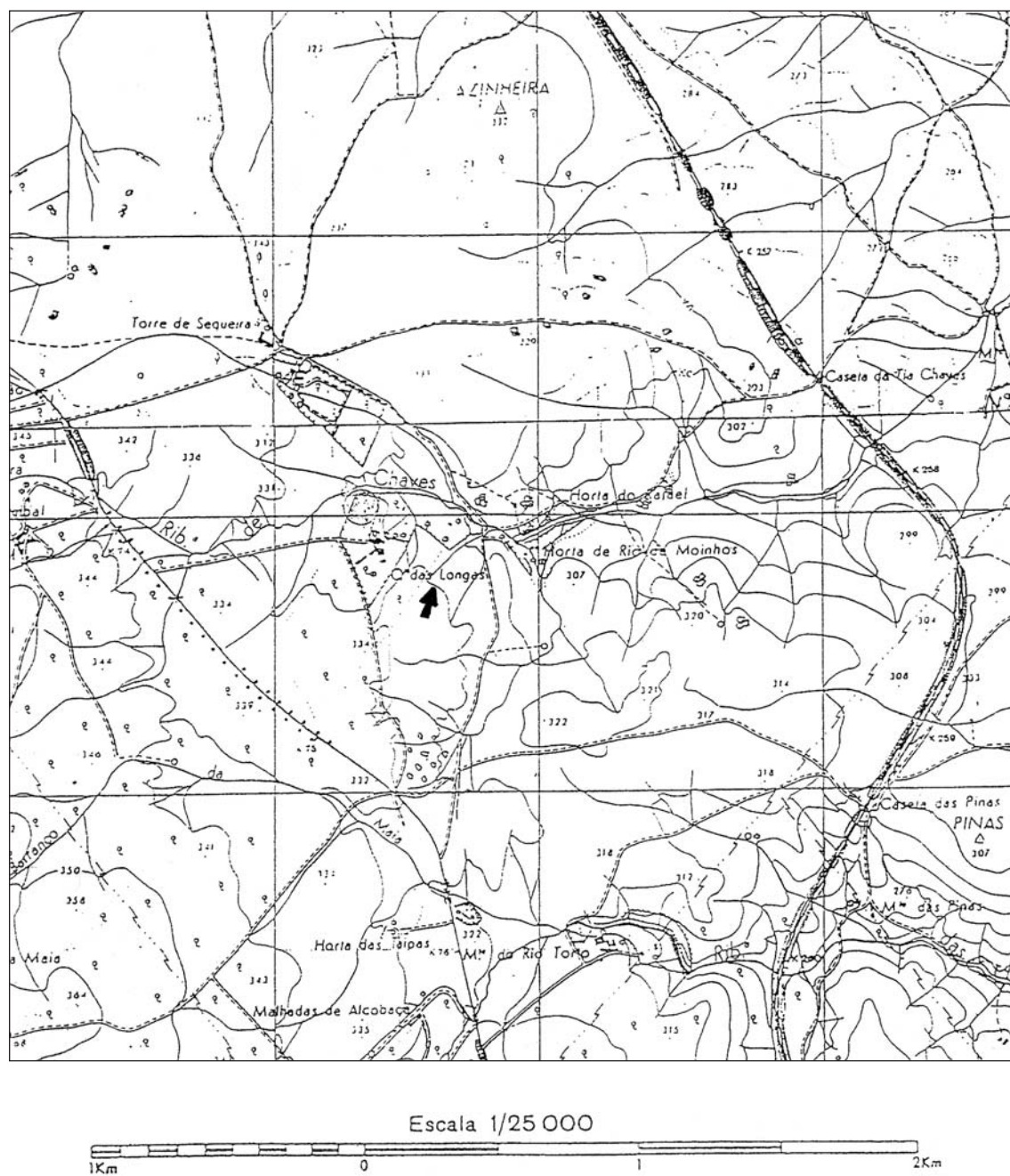


Fig. 1 Localização da *villa* romana da Quinta das Longas.

1. A *villa* romana da Quinta das Longas

A *villa* romana da Quinta das Longas está inserida num complexo agrícola pertença da família Catarino Tavares, e localizada administrativamente na freguesia de São Vicente e Ventosa, concelho de Elvas, distrito de Portalegre.

Este sítio arqueológico tem sido escavado, desde 1990, por um grupo de arqueólogos da UNIARQ - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; as campanhas de escavação, têm carác-

ter anual, excluindo a do ano de 1999 (que se não efectuou), e com duração variada, durante os meses de Verão, dependendo dos subsídios financeiros disponíveis

A história do descobrimento da *villa* foi alvo de vários artigos por parte dos arqueólogos António Carvalho (Carvalho, 1992) e Maria José de Almeida (Almeida e Carvalho, 1998), que dirigem este grupo desde o início das intervenções arqueológicas.

A escavação sistemática do sítio teve o seu começo na década de noventa, como já afirmámos, conhecendo duas fases distintas. A primeira, que se estende desde 1990 até 1998 e, uma segunda, que abrange o período de 1998 a 2002, e que se distingue da anterior por ver aprovado pela Administração Central (IPA), um plano de investigação denominado *Projecto de Investigação para o Estudo da Ocupação do Concelho de Elvas* (Carvalho e Almeida, 1999-2000), plano este que servirá de base — no que respeita à *villa* — para a efectivação total da escavação, bem como da apresentação de uma monografia que efectuará o estudo global desta, ou seja, desde a sua arquitectura, até à escultura, ao espólio cerâmico, metais, materiais osteológicos, fauna e flora.

Com a descoberta, no ano de 2000, de um grupo escultórico de elevado valor estilístico e arqueológico, tornou-se o projecto da *villa* romana da Quinta das Longas de interesse internacional motivo que levou a que especialistas em escultura romana do Museo Nacional de Arte Romano (Mérida), chefiados por Trinidad Nogales, dedicassem grande parte da sua investigação a este conjunto.

Esta equipa de investigadores espanhóis, juntamente com os arqueólogos portugueses que dirigem o “Projecto da Quinta das Longas” vêm dando a conhecer à comunidade científica, e não só, os resultados obtidos sobre a identificação das iconografias encontradas, quer através de comunicações¹, quer através de palestras² ou de artigos publicados em catálogos de exposições³.

Paralelamente ao interesse despertado pelo material escultórico, desenvolve-se, no presente, um estudo intensivo dos mosaicos que pavimentam as várias salas da *pars urbana* da *villa*. Um grupo de especialistas do Museu Monográfico de Conímbriga, trabalhando em conjunto com Jannine Lancha iniciou, no ano de 2002, o restauro, cópia e inventariação de todos os mosaicos, com o fim de os poder integrar no *corpus* dos mosaicos romanos de Portugal, obra que foi iniciada pelo Professor Bairrão Oleiro (Oleiro, 1992), com a publicação do primeiro volume respeitante à colecção da “Casa dos Repuxos”, em Conímbriga (*Conventus Scallabitanus*).

2. A forma Hispânica 49

Esta forma, que foi produzida pelas olarias do norte da península, mais propriamente da região situada no vale do Ebro e pelas olarias de Los Villares, Andújar (Jáen), na Bética é definida por Mezquíriz (1985, p. 173) como um copo de perfil tronco-cónico, apresentando um pé anelar e baixo, sendo a parede, na parte superior e média, decorada com facetas. Devido a este facto, torna-se difícil, em termos técnicos, afirmar se este copo se deva inserir numa classe de peças decoradas ou não decoradas. Para Romero (1985, p. 241) o problema surge na medida em que não é necessário um molde para produzir esta peça, logo, deveria ser considerada como uma forma lisa, por outro lado, Mezquíriz inclui-a, sem reservas, nas suas produções decoradas.

Para além deste problema é necessário ter em linha de conta o facto de este copo cerâmico ter sido denominado, durante o ano de 1985, como Hisp. 48, por Romero e como Hisp. 49 por Mezquíriz.

Atendendo, mais uma vez, à decoração tem-se estabelecido uma estreita relação entre esta forma e idêntica forma efectuada em vidro e denominada Isings 21. Vários investigadores têm-

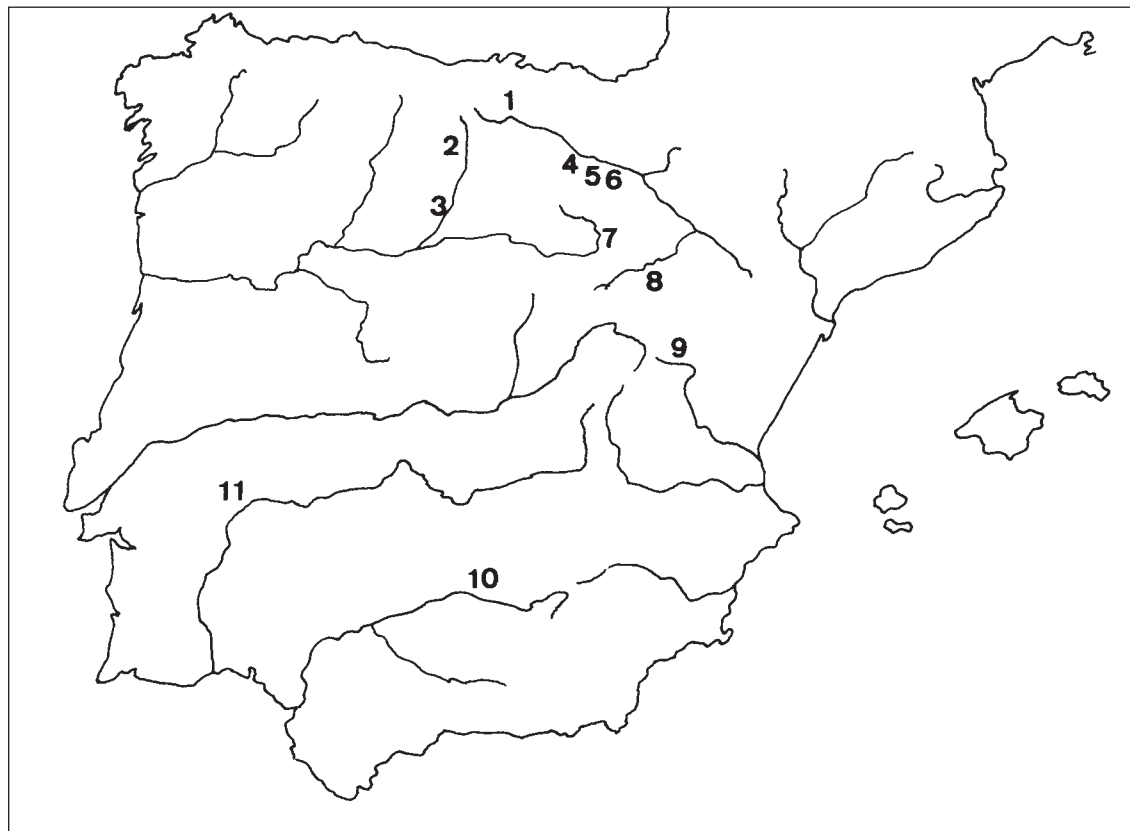


Fig. 2 Difusão da forma Hispânica 49, na Península Ibérica. 1 - Iruña; 2 - Herrera de Pisuerga; 3 - Quintanilla de la Cueva (Palencia); 4 - Tricio; 5 - Bezares; 6 - Corella; 7 - Numancia; 8 - Arcóbriga; 9 - Bronchales; 10 - Los Villares (Andújar); 11 - Quinta das Longas (Elvas).

na estabelecido publicando artigos (Martin, 1977; Romero Carnicero, 1980) que nos permitem determinar a influência que os protótipos em vidro exerceram sobre a produção cerâmica. Um dos argumentos fundamentais prende-se com a cronologia da Isings 21, que aparece em Pompeios, o que lhe dá uma diacronia, pelo menos, a partir de 79 d.C. Por sua vez, se se pensar em termos de vida produtiva das olarias de Andújar⁴ e Bronchales, que terminam a sua actividade nos finais do século I d.C. e na segunda metade do século II, respectivamente poderemos afirmar que esta forma encontrar-se-á disponível, no mercado ibérico, pelo menos durante este período de tempo.

2.1. Difusão

Atendendo ao facto de não termos conhecimento da existência de nenhum fragmento deste tipo de copo, em terra sigillata hispânica, nas estações intervencionadas no actual território português podemos afirmar serem os exemplares da Quinta das Longas os únicos a serem descobertos na parte mais ocidental da Hispânia romana.

No que diz respeito aos restantes achados na Península Ibérica para além dos indicados por Mezquíriz (1985, p. 173) como sejam Andújar, Bezares, Bronchales, Corella, Iruña, Numancia e Tricio, conseguimos identificar outros correspondentes a escavações mais recentes. Assim em

Herrera de Pisuerga (Pérez González, 1989) existe um pequeno fragmento, enquanto que, em Arcóbriga, foram encontrados outros dois fragmentos (Juan, 1992, p. 45 e 100) e, por sua vez em Quintanilla de la Cueva - Palencia, (Juan Tovar, 2000, p. 50 e fig. 23, n.º 31) apenas se exumou um pequeno fragmento.

Na Gália do Sul, mais precisamente em, Roussels - Tarn, (Martin, 1977) os dois exemplares identificados como originados nas olarias de Montans, são para Mezquíriz não mais de que “... *sigillata ispanica esportata nel S della Francia della Spagna...la descrizione fatta sai della argilla che della colorazione coincide com le caratteristiche dei prodotti ispanici*”.

3. O copo de vidro Isings 21

Definido por Isings (1957, 37, 38) como um “*goblet on pad base*”, normalmente incolor ou branco leitoso, raramente colorido (Simona, 1991, inclui para o Cantone Ticino apenas um exemplar de cor amarela, transparente, enquanto que dos restantes 11, 8 apresentam, reflexos na gama dos verdes, azuis e amarelos), produzido possivelmente na Síria ou no Egipto torna-se, durante o final do século I d.C. como um dos copos de vidro mais elegantes e emblemáticos deste período e quiçá “... *oggetti di ... valore...*” (Simona, p. 111).

Produzido, segundo Isings, pela técnica de moldagem (embora esta investigadora aponte a existência de exemplares soprados encontrados em Locarno – Liverpool Strasse)⁵, apresenta uma decoração típica que os distingue facilmente de qualquer outro copo. Esta consiste na aplicação de facetas lapidadas de vários tipos geométricos (Alarcão e Alarcão, 1965, p. 62-69), dos quais, distinguimos as de forma circular e as de forma elipsoidal, distribuídas, normalmente, na parede do copo em forma de favo.

Embora Isings não tenha definido variantes para este copo, existem, no entanto, várias características formais que foram objecto de estudo por diversos investigadores. Berger apresenta cinco formas a quando da sua análise dos vidros de Vindonissa (Berger, 1960/1980), e, por sua vez Norling-Christensen (Harter, 1999, p. 63-65) publica várias variantes para esta forma (Pompeios-Vindonissa, Juellinge, Sojvide, Barnwell, Pettau e Curium, entre outros), enquanto que Rütli no catálogo dos vidros de Augst e Kaiseraugst, subdivide a forma AR 45 (= Isings 21) em 45.1, 45.2 e 45.3 (Rütli, 1991, Formentafel 2)

No respeitante à sua cronologia, os diversos autores são unânimes em atribuir-lhe, como início de produção o período flaviano. Por sua vez, o final da produção parece também não apresentar dúvidas, colocado em finais do século II d.C, embora, na necrópole de Madrano possa ter aparecido em contextos dos inícios do III (Simona, 111).

3.1. Difusão

Embora, sendo uma das formas de vidro mais difundidas no Império durante os finais do século I d.C./século II não deixaremos, a título exemplificativo, de apresentar dois conjuntos de sítios de ocupação romana, para nós considerados como mais significativos, os quais, possuem nos seus espólios, este tipo de copo facetado. O primeiro conjunto englobará estações romanas do actual território português, enquanto que o segundo será constituído por uma pequena selecção respeitante a arqueossítios localizados nas restantes províncias do Império.

Para Portugal teremos:

Conímbriga (Alarcão e Alarcão, 1965); Boca do Rio e Paredes-Alenquer (Alarcão, 1976, p. 177); Tróia (Sepúlveda, incluída no presente estudo)⁶.

Para o resto das províncias:

Karanis (Harden, 1936); Pompeios (Norling-Christensen, 1952 e Harden, 1987); Locarno (Isings, 1957); Vindonissa (Berger, 1960/1980); Augst (Rütti, 1991); Cantão Ticino (Simona, 1991); Mainz e Weisenau (Harter 1999); Corning Museum (Withehouse, 1997), entre muitas mais.

4. O espólio da Quinta das Longas e o material vítreo de Tróia

Os três fragmentos da *villa* romana da Quinta das Longas foram exumados durante a segunda e quinta campanhas que decorreram durante os anos de 1992 e 1995.

Foram encontradas em recolha de superfície, não possuindo, portanto, estratigrafia o que nos impossibilita de lhes atribuir cronologias par além das consideradas nos estudos efectuados sobre este tipo de cerâmica.

Embora não nos seja possível obter, a partir destes fragmentos, qualquer perfil completo achamos tratarem-se de copos da forma Hisp. 49, não só pela decoração que apresentam (face-tas longitudinais, distribuídas de forma aleatória e desenhando figuras reticuladas idênticas a favos) mas, também, pelos perfis que obtivemos.

A peça 1 do catálogo com a parede a tender para o vertical é exemplo disso e só poderá pertencer a um copo. Já os n.ºs 2 e 3⁷ do catálogo apresentam perfis menos verticais motivo que nos poderia levar a classificá-los como pertencentes a taças da forma Drag. 37. Neste caso iríamos encontrar paralelos nas peças de Herrera de Pisuerga apresentadas por Pérez González (1989, fig. 68, n.ºs 242-244).

Optámos, devido à exiguidade dos fragmentos e à raridade da forma Hisp. 49 em qualquer contexto romano do território actualmente português, por considerar todos os fragmentos como pertencentes a copos e não a taças. Atendendo, por sua vez, às características da pasta e do verniz, considerámos como produtos das olarias da região riojana (Tricio, Bezares), ou das de Bronchales, em detrimento das produções de Los Villares (Andújar - Jaén).

Achámos ter interesse incluir no nosso catálogo três fragmentos em vidro de copos da forma Isings 21, inéditos, pertencentes a particulares que os encontraram na estação romana de Tróia (Grândola - Setúbal), em diversos locais da praia voltada ao Sado.

A relação estreita, já explicada nos pontos anteriores, entre estas duas formas é mais que justificativo para esta nossa opção.

Assim, passaremos ao estudo destes exemplares, descrevendo-os quer em relação à sua qualidade, quer às características do vidro e a sua inserção nas tabelas formais.

O fragmento de parede e parte inferior da peça, com o n.º 4 do catálogo, é o único que nos oferece o diâmetro completo dos copos catalogados, visto os dois outros (n.º 5 e n.º 6) serem de reduzidas dimensões, embora o n.º 5 nos permita obter o perfil da boca e da parede superior. Efectuados segundo uma técnica lapidária excelente, apresentam um vidro de cor branco-leitoso, translúcido a tender para o opaco, com ausência de bolhas, e decorados por finas caneluras que delimitam a zona facetada.

Encontrámos paralelos possíveis para os n.ºs 5 e 6, em Augst (Rütti, 1991, p. 59) e que correspondem à forma AR 45.1 ou AR 45.2, n.º 1204 e, para o n.º 4 do catálogo o fragmento de

Augst 1202 classificado como Berger III ou AR 45.2 B para além do exemplar de Conímbriga com o n.º 82 (Alarcão e Alarcão, 1965, Est. III). Todos os fragmentos se inserem na forma Isings 21 e têm como cronologia o período que vai desde a época flaviana à adriânica.

5. Conclusões

Da análise efectuada nos pontos 2 e 4 poderemos afirmar, no que diz respeito à terra sigillata hispânica facetada da *villa* romana da Quinta das Longas, que ela nos permite concluir que este arqueossítio se encontra, também, inserido nos circuitos comerciais do vale do Ebro (La Rioja), desde, pelo menos, o terceiro quartel do século I d.C. até meados do século II.⁸ Esta cronologia é suportada pelo espólio de outros tipos de cerâmica fina de mesa que foram exumadas ao longo das várias campanhas. A terra sigillata galo-romana apresenta formas coevas da forma Hisp. 49, enquanto que os copos e taças de paredes finas, de origem bética e emeritense, muito abundantes não deixam de apontar para diacronias compreendidas entre os flávios e o principado de Adriano.

Embora as três peças por nós apresentadas tenham sido obtidas em camadas superficiais, logo sem estratigrafia, tal facto não impede de os podermos colocar na fase chamada de *Villa I*, que define uma ocupação de meados do século I d.C. até aos finais do século II (Carvalho e Almeida, 1999-2000, p. 15-17). Por sua vez, as diacronias para os copos Isings 21 e para os equivalentes de *Augusta Rauricorum*, AR 45/46, apontam no mesmo sentido, ou seja o do período compreendido entre 70 d.C. e Adriano. Se atendermos ao facto que referimos acima, de terem sido estes copos, em vidro, os inspiradores dos modelos em terra sigillata de origem gala ou hispânica poderemos alargar este intervalo e concordarmos, plenamente, com os arqueólogos responsáveis do “Projecto da Quinta das Longas”.

Por fim, gostaríamos de lançar a hipótese, embora difícil de comprovar, de serem os proprietários da *villa* pessoas de elevado gosto estético, atendendo ao facto, de o *dominus* que a habitou durante os finais do século I d.C./meados do século II, se ter deixado “apaixonar” pelo carácter “exótico” destas peças de cerâmica pouco vulgares e, possivelmente, pouco divulgadas na Lusitânia romana. Se pensarmos em termos do valor escultórico — agora já no século III — do conjunto estatuário encontrado na *villa*, porque não pensar numa tradição de requinte transmitida de uma geração para outra!

Catálogo

a) Quinta das Longas

1

Número de inventário QL2(92)A[1] 592

Fragmento de pança de copo, constituído pela colagem de outros dois mais pequenos, correspondente à zona de inflexão que separa a zona facetada da lisa. Facetas alongadas de dois comprimentos: o menor com 11,45 mm e o maior com 22 mm.

Pasta compacta, com caulinites, moderadamente dura, muito porosa de cor 2.5YR 6/6.

Verniz/Glanztonfilm espesso, homogéneo, brilhante a muito brilhante, na face exterior, e baço na interior, de cor 10R 4/8.

Espessura 5,3 mm.

2

Número de inventário QL5(95)A[1] 593

Fragmento de pança de copo decorada com facetas de tamanho único (22 mm, no eixo maior)

Pasta compacta, com caulinites, moderadamente dura, muito porosa, de cor 2.5YR 5/6.

Verniz/Glanztonfilm espesso, homogéneo, muito brilhante, na face exterior e baço na interior, de cor 2.5YR 4/8.

Espessura 5,6 mm.

3

Número de inventário QL2(92)A[1] 594

Fragmento de pança de copo, de pequenas, dimensões decorada com facetas elipsoidais com 18 mm no eixo maior.

Pasta compacta, com poucas caulinites, moderadamente dura, muito porosa, de cor 2.5YR 6/6.

Verniz/Glanztonfilm espesso, homogéneo, brilhante a muito brilhante, na face exterior, e baço na interior, de cor 10R 4/8.

Espessura 4,6 mm.

b) Tróia (Grândola - Setúbal)

4

Sem número de inventário

Fragmento da parte média e inferior de copo em vidro, constituído pela colagem de três fragmentos. Apresenta na parte inferior uma fina canelura que delimita a zona de decoração. Ligeiramente picado.

Decoração técnica de lapidação em facetas; duas fieiras de facetas que desenham losangos rematadas por uma fieira de facetas a tenderem para o circular.

Pasta vítrea de excelente qualidade, com ausência de bolhas de ar, ligeiramente picado, de cor branco-leitoso.

Espessura 2 a 5 mm.

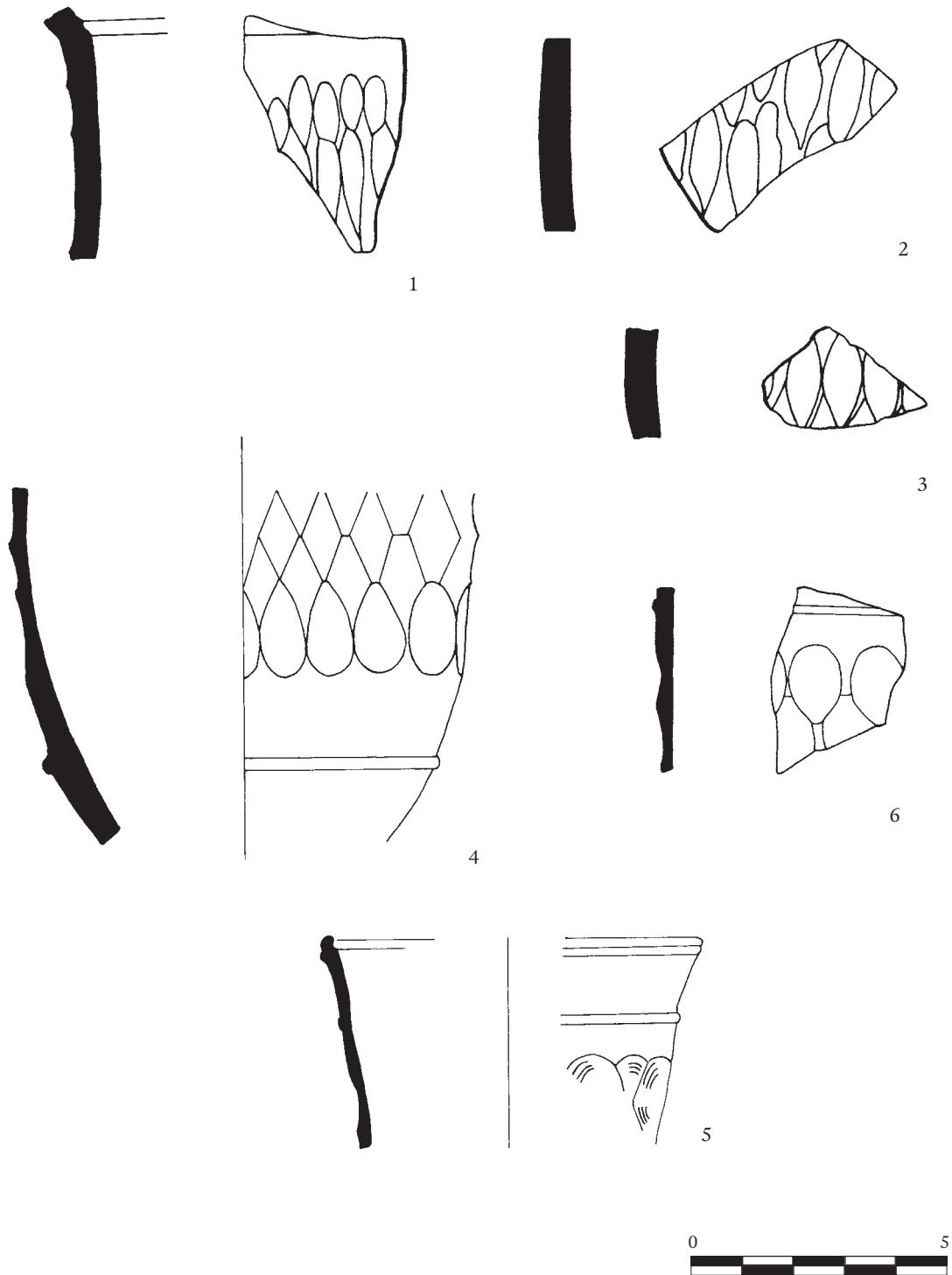


Fig. 3 N.ºs 1, 2 e 3 - Terra sigillata hispânica, forma Hisp. 49, exumada na villa romana da Quinta das Longas; n.ºs 4, 5 e 6 - Vidro da forma Isings 21, encontrados na estação romana de Tróia (Grândola-Setúbal).

5

Sem número de inventário

Fragmento da parte superior, com o bordo de copo em vidro. Bordo ligeiramente esvasado, com lábio arredondado. Apresenta uma fina canelura que delimita, superiormente, a zona de decoração. Ligeiramente picado

Decoração técnica de lapidação em facetas; apenas, se observa uma fieira de facetas, possivelmente com a forma de losangos.

Pasta vítrea de excelente qualidade, com ausência de bolhas de ar, de cor branco-leitoso.

Espessura 1,5 a 2 mm.

6

Sem número de inventário

Fragmento da parte superior, junto ao bordo de copo em vidro. Apresenta uma fina canelura que delimita, superiormente, a zona de decoração. Ligeiramente picado

Decoração técnica de lapidação em facetas; apenas, se observam duas fieiras de facetas, sendo a primeira com facetas de forma oval e, a segunda, possivelmente, com a forma de losangos.

Pasta vítrea de excelente qualidade, com ausência de bolhas de ar, de cor branco-leitoso.

Espessura 1,5 a 3 mm.

Agradecimentos

O autor agradece aos Drs. Maria José Almeida e António Carvalho pela cedência das peças da *villa* romana da Quinta das Longas, até agora inéditas, assim como à Dr.^a Anabela Frasão, por alguns dos vidros de Tróia.

Um especial agradecimento ao amigo e companheiro de longa data, Dr. Élvio Melim de Sousa, pelas suas sugestões e leitura do texto.

NOTAS

^{1,2} Comunicação apresentada por Trinidad Nogales Basarrate, António Carvalho e Maria José Almeida à IV Reunião sobre Escultura Romana da Hispânia, com o título “Programa decorativo da *villa* romana da Quinta das Longas, que teve lugar em Cascais nos inícios de Fevereiro de 2002.

³ Em Dezembro de 2002, foi efectuada uma palestra no MNAR, em Mérida, com o título “La *villa* romana de la Quinta das Longas, un hallazgo excepcional”, da autoria do mesmo grupo de investigadores.

⁴ Veja-se o artigo de António Carvalho, Trinidad Nogales Basarrate e Maria José Almeida “O Grupo Escultório da Villa Romana da Quinta das Longas (São Vicente e Ventosa, Elvas)”, incluídos no catálogo da exposição, *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*. (Museu Nacional de Arqueologia, 2002).

⁵ Roca Roumens (1976) encontrou em Andújar um copo com decoração facetada que classificou como uma Drag. 30, que mais tarde, é considerada como Hisp. 49.

⁶ Para Harden estes copos estão classificados como “*Roman Blown Glass*” (Harden, 1987, p. VIII e 192, 194 e 195), no entanto para Rütli estes copos serão “*frei geblasen (?)*”.

⁷ Ao consultarmos uma vasta bibliografia sobre as estações romanas presentemente escavadas em Portugal concluímos, com certa estranheza, serem apenas as que apontámos as que possuíam copos da forma Isings 21.

⁸ Achamos que o n.º 3 poderá pertencer à mesma peça do fragmento com o n.º 1 devido à cor do glanztonfilm/verniz e pasta.

⁹ Esta afirmação, não implica a não existência de trocas comerciais com esta região (La Rioja-Tricio) e a do vale do Douro (espanhol) durante os séculos III e IV d.C., trocas essas que se verificam através de achados de TSH e TSHt.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. (1976) - Verres. In ALARCÃO, J.; ETIENNE R. *Fouilles de Conimbriga VI - Céramiques Diverses et Verres*. Paris: E. De Boccard.
- ALARCÃO, J.; ALARCÃO A. (1965) - *Vidros romanos de Conimbriga*. Coimbra: Museu Monográfico de Conimbriga.
- ALMEIDA, M. J.; CARVALHO, A. G. (1998) - Ânforas da uilla romana da Quinta das Longas (S. Vicente e Ventosa, Elvas): resultados de 1990-1998. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:2, p. 137-163.
- BERGER, L. (1960-1980) - *Römische Gläser aus Vindonissa*. Basel: Birkhäuser Verlag.
- CARVALHO, A. (1992) - Escavações arqueológicas na villa romana da Quinta das Longas (Elvas). *Al-madan*. Almada. IIª Série. 1, p. 90.
- CARVALHO, A. G.; ALMEIDA, M. J. (1999-2000) - A villa romana da Quinta das Longas (S. Vicente e Ventosa, Elvas): uma década de trabalhos arqueológicos (1991-2001). *A Cidade*. Portalegre. Nova Série. 13/14, p. 13-37.
- HARDEN, D. (1987) - *Glass of the Caesars*. Milano: Olivetti.
- HARTER, G. (1999) - *Römische Gläser des Landesmuseums Mainz*. Wiesbaden: Reichert.
- ISINGS, C. (1957) - *Roman Glass from dated finds*. Archaeologica Traiectina (II). Gröningen - Djakarta.
- JUAN TOVAR, L. C. (1992) - La terra sigillata hispánica. In CABALLERO ZOREDA, L. - *Arcóbriga II. Las cerámicas romanas*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico".
- JUAN TOVAR, L. C. (2000) - La terra sigillata de Quintanilla de la Cueva. In GARCÍA GUINEA, M. A. A. - *La villa romana de Quintanilla de la Cueva (Palencia), Memoria de las excavaciones 1970-1981*. Salamanca: Diputación de Palencia, p. 45-123.
- MARTIN, Th. (1977) - Vases sigillés de Montans imitant des formes en verre?. *Gallia*. Paris. 35, p. 249-257.
- MAYET, F. (1983-1984) - *Les céramiques sigillées hispaniques. Contribution à l'histoire économique de la Péninsule Ibérique sous l'Empire Romain*. Paris: E. de Boccard.
- MEZQUÍRIZ DE CATALÁN, M. A. (1961) - *Terra Sigillata Hispánica*. València: The William L. Bryant Foundation.
- MEZQUÍRIZ DE CATALÁN, M. A. (1985) - Terra Sigillata Hispánica. *Atlante delle forme ceramiche II. Ceramica fine romana nel Bacino Mediterraneo (tardo ellenismo e primo impero)*. Enciclopedia dell' arte antica classica e orientale. Roma, p. 97-114.
- MEZQUÍRIZ IRUJO, M. A. (1983) - Tipologia de la Terra Sigillata Hispánica. *Boletín del Museo Arqueológico Nacional*. Madrid. 1:2, p. 123-131.
- NOGALES BASARRATE, T.; CARVALHO, A.; ALMEIDA, M. (2002) - O Grupo Escultórico da Villa Romana da Quinta das Longas (São Vicente e Ventosa, Elvas). In *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*. Lisboa: IPM, MNA, p. 297-299.
- OLEIRO, J. M. B. (1992) - *Corpus dos mosaicos romanos de Portugal. Conímbriga - Casa dos Repuxos*. Conímbriga: IPM e Museu Monográfico de Conímbriga.
- PALOL, P.; CORTES, J. (1974) - La villa romana de La Olmeda, Pedrosa de la Vega (Palencia). Excavaciones de 1969 y 1970. *Anuario Arqueológico Hispánico*. 7. Madrid.
- PÉREZ GONZÁLEZ, C. (1989) - *Cerámica romana de Herrera de Pisuerga (Palencia - España)*. La Terra Sigillata. Santiago de Chile: Universidad Internacional SEK.
- ROCA ROUMENS, M. (1976) - *Sigillata hispánica producida em Andújar (Jaén)*. Jaén: Instituto de Estudios Giennenses.
- ROCA ROUMENS, M. (1980) - La sigillata hispánica y sus relaciones com el vidrio: la forma Mezquiriz 48. *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*. Valladolid. 46, p. 188-193.
- ROCA ROUMENS, M. (1985) - Numancia I - La Terra Sigillata. "Escavaciones Arqueológicas de España". Madrid. Nº 146.
- ROCA ROUMENS, M.; FERNÁNDEZ GARCIA, M. I (1999) - *Terra Sigillata Hispánica. Centros de fabricación y producciones altoimperiales*. Málaga: Universidad de Jaén/Universidad de Málaga.
- RÜTTI, B. (1991) - *Die römischen Gläser aus Augst und Kaiseraugst*. Augst: Römermuseum.
- SIMONA, S. B. (1991) - *I Vetri Romani*. Locarno: Armando Dadò.
- TARTER, G. (1999) - *Römische Gläser des Landesmuseums Mainz*. Wiesbaden: Reichert Verlag.
- WHITEHOUSE, D. (1997) - *Roman Glass in The Corning Museum of Glass*. New York: Sharon Herson - Richard Price.